SAMORA MACHEL

COLHER NO 25 DE SETEMBRO FORÇA RENOVADA PARA O COMBATE

13
colecção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

INTRODUÇÃO

A mensagem, agora publicada em brochura, foi dirigida pelo Presidente Samora Machel, Comandante-em-Chefe das Forças Populares de Libertação de Moçambique, aos combatentes das F.P.L.M., por ocasião do 25 de Setembro de 1979, 15.º aniversário do desencadeamento da Luta Armada de Libertação Nacional e data em que se comemora o Dia das F.P.L.M. e Dia da Revolução.

Neste importante documento, o Camarada Presidente define as tarefas que as nossas Forças Populares devem realizar a fim de atingirem o objectivo traçado pelo III Congresso da FRELIMO: a sua transformação num exército forte, moderno, bem equipado, capaz de defender a Pátria de qualquer agressão.

Ao destacar as características que deverá ter esse exército — características populares, revolucionárias, socialistas — o Camarada Presidente salienta especialmente o seu enraizamento no Povo, a consciência de classe, o sentido de hierarquia, disciplina, pontualidade, vida organizada, coragem, o espírito de sacrifício e o estilo de vida simples.

Em relação a todos estes pontos, o Comandante-em-Chefe das F.P.L.M. salienta que é dever dos actuais combatentes assumir e aprofundar as qualidades que caracterizaram aqueles que fizeram a Luta Armada de Libertação Nacional. Eles são o modelo que tomamos

hoje para os membros do Partido, para o Homem Socialista que queremos construir.

O Camarada Presidente refere também que a criação de um exército forte e moderno é tanto mais necessária quanto a edificação do socialismo, no nosso País, se faz numa situação em que o imperialismo tenta isolar-nos e nos agride constantemente para nos enfraquecer e subverter a nossa Independência. As F.P.L.M., chamadas hoje, como no passado, a defender a vida e os bens do nosso Povo, têm repelido com determinação e heroísmo todas as agressões inimigas. A elevação constante da sua capacidade combativa é a garantia de que o inimigo será punido cada vez mais severamente e não conseguirá os seus objectivos.

A presente mensagem do Camarada Presidente Samora Moisés Machel constitui um importante documento de estudo para os combatentes das F.P.L.M., para os quadros do Partido e do Estado e para os trabalhadores moçambicanos em geral, pela análise profunda que faz do processo da Luta Armada de Libertação Nacional, das condições actuais em que se desenvolve a construção da sociedade socialista e do papel que o exército deve desempenhar neste processo.

Combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique,

Compatriotas,

Camaradas,

Festejamos hoje o 15.º Aniversário do desencadeamento da luta armada de libertação nacional, o dia das FPLM, o dia da Revolução.

O dia 25 de Setembro vive no coração do nosso Povo, ocupa na nossa História um lugar de grande e profundo significado. O dia 25 de Setembro de 1964 é o nosso ponto de partida. Somos o resultado do grande combate que então iniciámos.

Até aí, éramos o escravo acorrentado, sem rosto, sem História e sem país. Éramos apenas os músculos que arrancavam da terra as riquezas para o patrão colonial, o suor que adubava as plantações das grandes companhias, a força que se exportava como gado.

O colonialismo não nos roubava apenas o produto do nosso trabalho. Pretendia também privar-nos da nossa cultura, da nossa identidade como povo, da nossa personalidade. O colonialismo não nos dividia só em tribos e por regiões. O nosso país fora transformado num dos muitos quintais das

metrópoles imperialistas que repartiram a África entre si. O colonialismo fez de nós estrangeiros na nossa própria Pátria.

Quis também apagar a nossa memória colectiva, destruir a nossa relação com o passado, eliminar a nossa História. O colonialismo reduziu o nosso passado a um pequeno capítulo da História das guerras coloniais de conquista.

Esta é uma data da mais alta importância na nossa vida. Dia em que comemoramos as nossas vitórias e conquistas, em que exaltamos os nossos heróis, a unidade entre o Povo e o seu braço armado, as Forças Populares de Libertação de Moçambique.

No dia 25 de Setembro de 1964, quando o Povo Moçambicano guiado pela FRELIMO desencadeou a luta armada, iniciámos um processo irreversível de ruptura com o colonialismo.

O 25 de Setembro foi um acto de libertação. O escravo que pega em armas e se revolta contra o opressor, é a partir desse momento, um homem livre, porque nenhuma força pode aprisionar a sua vontade, a sua determinação. a sua coragem.

O 25 de Setembro foi um acto supremo de afirmação do nosso Povo, da sua identidade, da sua personalidade própria. Com o início da luta armada, o Povo Moçambicano demarca-se completamente do colonizador, para começar a viver a sua própria vida, a determinar o seu próprio destino.

No 25 de Setembro celebramos a fundação das Forças Populares de Libertação de Moçambique.

Os duzentos e cinquenta combatentes que iniciaram a luta armada contra um exército moderno, numeroso, superiormente armado e equipado, assumiram conscientemente a alta missão de constituir o instrumento de libertação do nosso Povo.

Os tiros que soaram em Chai há 15 anos foram disparados contra o colonizador. Eles foram disparados contra o sistema de exploração que engendrou o colonialismo e todas as formas de opressão. O 25 de Setembro no seu conteúdo e desenvolvimento expri-

me a passagem a uma forma superior da luta de classes multissecular do nosso Povo contra as diferentes formas de exploração, do esclavagismo ao capitalismo.

Aquilo que hoje somos, a nossa República Popular, o poder das classes trabalhadoras moçambicanas, as nossas conquistas revolucionárias, os alicerces que se erguem de um futuro socialista, de liberdade, prosperidade, paz, progresso, mergulham as suas raízes no dia 25 de Setembro de 1964.

Por isso, no dia 25 de Setembro celebramos o Dia da Revolução.

Combatentes das FPLM,

As FPLM cresçeram com a Revolução moçambicana, temperaram-se no combate patriótico e no combate de classe.

Falar da história das FPLM é falar da história da Revolução moçambicana.

Os primeiros tiros disparados em 25 de Setembro de 1964 ecoam por todo o País, galvanizam a consciência e a determinação de todos os moçambicanos do Rovuma ao Maputo, levando a palavra libertadora das armas lá onde a palavra estava amordaçada e os homens acorrentados.

Nos nossos centros de preparação político-militar treinam lado a lado moçambicanos de todas e de cada uma das províncias. Juntos, eles descobrem que a exploração brutal das plantações e das fábricas, o trabalho forçado, os espancamentos sádicos nas administrações, a humilhação quotidiana do racismo são experiência comum de todo o Povo Moçambicano sob a dominação colonial. Eles constatam que a rivalidade tribal, o regionalismo e o obscurantismo são instrumentos utilizados pelo colonialismo para dividir o Povo e perpetuar a exploração.

Nas longas marchas, na vida em comum, nas actividades culturais e de produção, na escola, o mundo dos nossos soldados rompe as fronteiras

da tribo. O seu conhecimento da natureza e dos fenómenos da vida libertam-nos das concepções mágicas da sociedade tradicional-feudal.

Quando entre si trocam os conhecimentos que possuem das guerras de resistência histórica ao colonialismo, os nossos soldados verificam que a causa sistemática da derrota dos exércitos tribais foi sempre o carácter local das revoltas, a corrupção e a conivência dos chefes tradicionais com o ocupante. A consciência nacional e a unidade em torno da FRELIMO, guia de todo o Povo moçambicano do Rovuma ao Maputo, são assim forjadas na prática quotidiana no seio das FPLM.

A palavra de ordem «educar o homem para vencer a guerra», que resulta da nossa experiência, sintetiza a forma como as FPLM materializam a linha política da FRELIMO e define, ao mesmo tempo, o carácter do nosso exército.

As FPLM, instrumento principal da FRELIMO na luta de libertação nacional, tiveram o papel histórico de agente transformador da sociedade.

As unidades das FPLM são constituídas pelos filhos do Povo, os mais dedicados, os mais conscientes. Com poucas armas de guerra, mas fortes do apoio popular e da iniciativa criadora das massas, surpreendem, atacam, punem e desbaratam o inimigo. Este começa a perder a liberdade de movimento que lhe permitia oprimir, explorar e maltratar o povo. Deixa de se mover como em terra conquistada.

As FPLM levam cada vez mais longe o fogo da libertação.

Os grupos de guerrilha transformam-se progressivamente em unidades de combate sólidas e disciplinadas, equipadas com armas mais eficazes. Nas zonas libertadas as FPLM assumem a dinamização de todo o processo de mobilização e organização popular para a construção das novas formas de vida.

O combatente das FPLM, o quadro, o comissário político, o comandante, são filhos do povo, são ser-

vidores do povo. São também o enfermeiro, o professor, o quadro da produção e do comércio, o instrutor das milícias.

É assim que a unidade Povo/FPLM se forja e se enriquece continuamente.

Esta interacção permite que a luta se desenvolva em extensão e em profundidade, ganhando novas zonas e liquidando irreversivelmente a presença colonial.

A chama da guerra de libertação transforma-se em gigantesca fogueira na qual são calcinados os soldados e a máquina de guerra colonial e com ela os capatazes de capacete e chicote, os administradores de cavalo-marinho, os proprietários das empresas da exploração, os régulos que vendem os trabalhadores.

Mas é também uma fogueira que devora as ambições daqueles que tentam fazer da luta de libertação instrumento de realização dos seus interesses, daqueles que querem substituir-se nas zonas libertadas aos colonialistas que a luta foi escorraçando.

No combate contra os novos exploradores, as FPLM escrevem uma das mais belas páginas da Revolução moçambicana e da luta das classes trabalhadoras.

Utilizando algumas posições importantes que haviam usurpado nas nossas estruturas os novos exploradores desenvolvem intrigas e manobras para desvirtuar o sentido do nosso combate libertador. O seu objectivo é a exploração. As suas armas são o tribalismo, o racismo, o regionalismo e o verbalismo radical dos oportunistas e aventureiros. Para impor as suas ideias erradas eles não recuam perante a traição e o crime.

Temperados pelo combate travado no seio das FPLM contra os vestígios da velha sociedade, forjados pelo trabalho constante de mobilização e resolução dos problemas das massas populares, os quadros e combatentes das FPLM colocam-se, com a

sua consciência e as suas armas, na primeira linha da defesa do povo contra o inimigo que surge nas nossas fileiras.

Nas crises que atravessa a Frente de Libertação de Moçambique nos anos de 1967-1969 e que culminam no assassinato do Presidente Eduardo Mondlane, a acção das FPLM no combate pela vitória da linha revolucionária consagra o triunfo dos interesses populares, e consagra ao mesmo tempo o nascimento da ideia do Partido no seio da Frente.

Nesta primeira grande confrontação entre as duas linhas desenvolve-se a consciência da natureza de classe do nosso combate. Ao recusar os novos exploradores, ao combater as ideias capitalistas e reaccionárias no nosso seio, os elementos de vanguarda da nossa organização aprofundam a definição do inimigo, lançam as bases para o salto qualitativo da luta de libertação nacional em Revolução.

É esta dinâmica que torna irreversível o processo da guerra popular de libertação nacional, que inflige derrotas cada vez maiores ao exército de agressão colonial português.

O aprofundamento contínuo da razão de ser da nossa luta e a dura lição dos sacrifícios, agudizam a nossa vigilância e levam-nos à consciência da necessidade de demarcar claramente a nossa zona do campo do inimigo. Demarcar significa que não têm lugar na nossa zona, nas fileiras do exército popular de libertação, o elitismo e o liberalismo que caracterizavam o campo inimigo ou as violações de mulheres, os abusos, os roubos, o desrespeito total pela vida e bens do Povo que assinalam a passagem dos exércitos de agressão. As FPLM levam para as frentes de combate, para as zonas libertadas, para as zonas de avanço, os novos hábitos, as novas concepções de vida, a libertação da iniciativa e a formação da personalidade moçambicana

Os combatentes das FPLM assumem o carácter eminentemente político do combate libertador. A pro-

dução nas machambas colectivas, a participação na alfabetização e campanhas sanitárias, a explicação dos objectivos da luta e da linha política da FRELIMO são tarefas correntes do nosso soldado, fazem parte integrante do processo da luta armada revolucionária. O nosso soldado torna-se difusor da cultura nacional, exemplo vivo da falência dos mitos da superioridade rácica apregoados pelo colonialismo.

Para além dos meios militares e da técnica combativa, o soldado das FPLM estava sempre armado dos princípios do nosso Partido, da definição correcta do inimigo. A certeza da vitória que o animava nascia da justeza da sua luta.

Combatentes das FPLM,

As características do soldado da FRELIMO, do soldado das FPLM devem continuar vivas no exército moderno e poderoso que estamos a construir. No exército que, derrotado e expulso o colonialismo e proclamada a independência nacional, hoje se engaja na defesa da Pátria, da Paz e do Socialismo.

Essas características são uma conquista valiosa da Revolução que devemos valorizar e ampliar.

São hoje diferentes os nossos meios e técnicas operativas. Dispomos já de transportes e de armas sofisticadas. Mas para nós o factor decisivo é sempre o homem, e, no posto de comando, permanece sempre a política.

As FPLM continuam a ter um papel decisivo na consolidação da unidade nacional, na erradicação do nosso seio das concepções negativas da sociedade tradicional-feudal e no combate permanente aos hábitos e gostos da sociedade velha.

Com a introdução no nosso País do Serviço Militar Obrigatório, milhares de jovens têm vindo a aumentar com entusiasmo as nossas fileiras, cumprindo assim o seu dever patriótico.

Os jovens que hoje ingressam no nosso exército assumem e continuam as tradições gloriosas das

FPLM porque têm como modelo os combatentes que se forjaram e temperaram na grande escola que para todos nós é a luta armada de libertação nacional.

O soldado das FPLM, o soldado da FRELIMO deve por isso caracterizar-se pelo sentido de hierarquia, disciplina, pontualidade, vida organizada, consciência colectiva e de classe, pela coragem, espírito de sacrifício e estilo de vida simples.

Deve ter a preocupação de manter a prontidão combativa. Deve estudar e elevar constantemente o nível dos seus conhecimentos teóricos e práticos.

Ele deve desenvolver em alto grau o sentido de classe, a consciência do seu papel na defesa dos interesses das classes trabalhadoras e da Revolução.

Deve permanentemente cultivar o espírito de amar e servir o Povo.

Nos locais de trabalho e de residência, nos lugares públicos, nos cinemas e recintos desportivos, nos machimbombos, nas bichas, nas estradas e em todos os lugares e momentos, ele observa sempre a correcção, a delicadeza e o respeito.

O soldado das FPLM é cortês, humilde e disciplinado, é carinhoso para com as crianças, é atencioso e respeitador para com as senhoras e velhos, para com o Povo em geral.

Formando os nossos soldados nestes princípios e valores, as FPLM são uma grande escola de cidadãos conscientes na República Popular de Moçambique.

Combatentes das FPLM,

O melhoramento das condições de vida dos nossos soldados é essencial ao processo de organização do exército regular e constitui um factor importante para que a preparação política, técnica e táctica dos combatentes atinja os padrões que desejamos.

Utilizando a experiência da luta armada, as FPLM iniciaram já a tarefa de recuperação das insta-

lações e do material danificado e alteraram profundamente a face dos quartéis.

Nos esforços empreendidos enquadram-se as acções no sentido de construir novas unidades de alojamento e de melhorar a qualidade e quantidade de vestuário e da alimentação. Tal como nas bases e centros da FRELIMO durante a luta armada, os nossos quartéis têm hoje as suas machambas, sendo em muitos casos auto-suficientes em produtos hortícolas. Este processo prosseguirá. As condições de vida dos nossos combatentes melhorarão em paralelo com o desenvolvimento progressivo da nossa economia e acompanhando a melhoria das condições de vida do nosso Povo, como determinou o III Congresso da FRELIMO.

Combatentes das FPLM,

O Programa do Partido FRELIMO atribui às FPLM a grande responsabilidade de defesa e consolidação da independência e soberania nacional e a defesa da integridade territorial. As FPLM devem transformar-se num exército moderno, forte e bem equipado, capaz de defender a Pátria e as conquistas da nossa Revolução.

Após a Independência, em curto espaço de tempo, as FPLM organizaram-se para rechaçar as agressões e as tentativas de ocupação militar que são lançadas contra nós pelos racistas rodesianos, como ponta de lança da campanha imperialista de desestabilização do nosso País.

Os combatentes das FPLM, conservando a tradição heróica da luta armada de libertação nacional, vêm aceitando todos os sacrifícios para defender a integridade da nossa Pátria.

Nas zonas de confrontação directa com o inimigo, em condições difíceis, o seu heroísmo, a sua determinação constituem fonte permanente de inspiração para todo o nosso Povo.

Na resposta firme e corajosa às agressões crimi-

nosas do inimigo, os combatentes das FPLM apoiados pelo Povo inteiro, transformaram-se numa muralha indestrutível que protege a Pátria e o Socialismo, numa força irresístivel que pune severamente os agressores. O sangue dos combatentes, de novo generosamente oferecido, consolida a unidade nacional, educa as novas gerações no espírito de heroísmo, reforça a determinação do Povo inteiro em avançar resolutamente no caminho do Socialismo.

Significativamente, o 15.º aniversário do desencadeamento da luta armada de libertação nacional é marcado pela estrondosa derrota da mais violenta agressão do inimigo racista rodesiano ao nosso País.

A consolidação das vitórias obtidas, das realizações já concretizadas ou em curso com vista a melhorar as condições de vida do povo, exigem a criação de forças armadas poderosas. Não se pode construir o Socialismo sem um exército forte, capaz de defender o povo e as suas conquistas dos inimigos da Revolução, do imperialismo, inimigo permanente dos povos.

É esta a experiência comum dos povos que constroem o socialismo, é esta a nossa experiência neste quinto ano da nossa independência.

A vida e os bens do povo trabalhador moçambicano têm de ser protegidos do assassinato, dos massacres, dos bombardeamentos, da pilhagem, da destruição. Os grandes projectos económicos que contribuem para a transformação e melhoria radical das condições de vida do povo têm de ser defendidos.

Não faz sentido construir pontes, barragens, estradas, fábricas, unidades de produção industriais e agrícolas, se elas não forem eficazmente defendidas.

Não há por isso contradição entre reconstrução económica e o reforço da capacidade defensiva. Entre eles existe a relação íntima que durante a luta armada de libertação nacional unia o camponês que cultivava, o professor que ensinava, o enfermeiro que curava e o soldado que os defendia dos ataques inimigos.

Esta relação é integralmente assumida pelo nosso Povo que contribui activamente para o reforço da nossa capacidade defensiva.

O desenvolvimento das Forças Armadas deverá por isso ganhar novo ímpeto e determinação, fundado na consciência de que tudo o que construímos só tem sentido se o soubermos defender.

Devemos desenvolver as Forças Armadas, reforçando os seus diversos ramos, as Forças Terrestres, a Defesa Antiaérea, a Marinha Popular, a Força Popular Aérea e as Forças de Guarda-Fronteira, garantindo a sua elevada capacidade operacional. Deste modo asseguramos a defesa da Pátria e do Socialismo, da integridade territorial, garantimos a inviolabilidade das nossas fronteiras terrestres e marítimas e do nosso espaço aéreo, preservamos a tranquilidade e a Paz que o nosso Povo e todos os Povos ambicionam.

A nossa Pátria faz parte da zona libertada da Humanidade, o nosso Povo constrói o socialismo, constituímos uma fronteira entre sistemas sociais diferentes.

A República Popular de Moçambique é sentinela da paz numa das mais difíceis zonas de confrontação directa com as forças mais agressivas do imperialismo, onde persistem o colonialismo e o racismo.

As FPLM reforçam a sua colaboração e a fraternidade de armas com os exércitos irmãos dos países socialistas, nossos aliados naturais.

Os países socialistas dão uma contribuição fundamental na transformação das FPLM em exército moderno, forte e bem equipado. A nossa cooperação assenta na identidade dos nossos objectivos, nos princípios sólidos do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

As FPLM desenvolvem a sua cooperação solidá-

ria com os Movimentos de Libertação, força decisiva dos Povos na primeira linha da confrontação com o imperialismo.

As FPLM reforçam as relações de colaboração e amizade com os exércitos dos países da Linha da Frente e com outros países africanos progressistas, na luta comum contra o colonialismo, o racismo e o «apartheid», agentes da guerra e da agressão, ameaça permanente à paz, independência e ao progresso do nosso continente.

Toda a acção de edificação das forças armadas é realizada sob a direcção do Partido FRELIMO e acompanhada pela estruturação do Partido ao nível de cada unidade combatente, em cada estrutura das Forças Armadas.

Só a direcção do Partido, só a educação dos nossos soldados nos princípios do marxismo-leninismo permitirá que, em cada momento, o combatente compreenda por que luta e o que defende, conheça em cada fase o inimigo e as suas manifestações.

A edificação das Forças Armadas modernas, fortes e bem equipadas atinge agora uma fase em que se torna necessário definir com maior rigor e clareza os níveis de responsabilidade e decisão dentro das FPLM, pelo que a estruturação das forças armadas implica o estabelecimento de hierarquias claras entre oficiais, sargentos e soldados.

Combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique,

Compatriotas,

Camaradas,

No dia 25 de Setembro exaltamos e saudamos os nossos heróis.

Exaltamos a memória e o exemplo dos heróis caídos na conquista e na defesa da liberdade e da independência nacional. Simbolizando todos os he-

róis tombados durante a luta armada de libertação nacional, os restos mortais do Presidente Eduardo Chivambo Mondlane, de Filipe Samuel Magaia, de Josina Machel, de Mateus Sansão Mutemba, de Paulo Samuel Kankomba e de Francisco Manyanga repousam já na Pátria libertada. O seu exemplo dá-nos forças para realizarmos aquilo que os sacrifícios que eles consentiram exigem de todos nós: o prosseguimento do combate pela consolidação da independência nacional, pela construção do socialismo, pela defesa da paz, do progresso e da justiça. A sua memória impele-nos a prosseguir o caminho que fertilizaram com o seu sangue, o caminho da Revolução, o caminho da luta contra o colonialismo, contra o imperialismo, contra o racismo, contra todas as formas de exploração e de opressão dos povos, o caminho da solidariedade internacional, do internacionalismo proletário.

Saudamos os heróis vivos, aqueles que se engajam com determinação e coragem, sem olhar a sacrifícios e fortes da vontade de servir o Povo, na defesa da Pátria e da Revolução, nas tarefas da reconstrução nacional e da construção do socialismo no nosso País.

Saudamos os heróis que, nas zonas de confrontação directa com o inimigo, estão prontos a oferecer a vida em defesa da soberania e da integridade territorial da República Popular de Moçambique.

Saudamos os heróis do trabalho que, nas fábricas, nas cooperativas, nas aldeias comunais, nas machambas estatais, nos portos, nos caminhos de ferro, nos hospitais, nas escolas, nas repartições e serviços públicos, em todos os sectores, estão na vanguarda da batalha pelo desenvolvimento socialista do nosso País.

Neste dia, recordamos a luta gloriosa do nosso Povo, exaltamos com orgulho legítimo as nossas vitórias e conquistas, para colhermos inspiração e força renovada na experiência revolucionária do nosso combate, para aprendermos da determinação e cora-

gem dos nossos heróis, vivermos diariamente o espírito do 25 de Setembro. Assim, seremos capazes de enfrentar todas as dificuldades, de derrotar todos os inimigos por mais poderosos que sejam.

Vivendo o espírito glorioso do 25 de Setembro construiremos o nosso País livre, independente, próspero e forte, construiremos a Pátria socialista em Moçambique.

Viva o Dia 25 de Setembro, Dia das FPLM e Dia da Revolução!

Viva o XV Aniversário do desencadeamento da gloriosa Luta Armada de Libertação Nacional!

Viva o Povo moçambicano unido do Rovuma ao Maputo!

Viva o Partido FRELIMO!

A Luta Continua!

A Revolução vencerá!

O Socialismo triunfará!

Tiragem: 20 000 exemplares
Registado no INLD sob o N.º 077/INLD/79
Composto e Impresso na Tip. "Notícias" — Maputo
República Popular de Moçambique
Setembro de 1979

1979 ANO DE CONSOLIDAÇÃO DAS NOSSAS CONQUISTAS